https://bibletruthpublishers.com/edward-b-dennett-collections/lucl3 |||

CONFIRA

25.

Malaquias: O Estado das Coisas no Fim

26.

Nome Acima de Todo Nome, O

27.

Nome Acima de Todo Nome: Documentos sobre a Excelência, Exaltação e Supremacia de Cristo

malaq 1.10 referencias

Quem dentre vós fecharia as portas de graça? Nem acenderias de graça o fogo do meu altar. Não tenho prazer em vós, diz o Senhor dos Exércitos, nem aceitarei oferta da vossa mão.

“Sim, são cães gulosos que nunca se fartam, e são pastores que nada compreendem; todos se desviam para o seu caminho, cada um para a sua ganância, cada um para o seu lado. Vinde, dizem eles, trarei vinho, e nos fartaremos de bebida forte; e o dia de amanhã será como este, e muito mais abundante.” (Isaías 56:11-12)

****

Malaquias 1\

https://bibletruthpublishers.com/malachi-1/edward-b-dennett-the-state-of-things-at-the-end/e-dennett/print-friendly/lxpf-la-56919

De: Malaquias: O Estado das Coisas no Fim

Por: Edward B. Dennett

A lei e os profetas, lemos, vigoraram até

João; o Batista, de fato, encerrou a dispensação da qual eles eram as expressões, **visto que foi o precursor do próprio Messias. Mas Malaquias 1 foi o último dos profetas, o último canonicamente (pois, se houve algum depois dele, suas profecias não foram preservadas) ; pois ele testifica da vinda do Senhor e do brilho do Sol da Justiça com cura em Suas asas. Suas profecias, portanto, têm uma importância grave e solene, e por dois motivos.**

Primeiro, por mostrarem o estado do remanescente que, na terna misericórdia de Deus, havia sido trazido de volta da Babilônia para que Ele pudesse declarar Sua fidelidade e cumprir Seu propósito na apresentação do Messias ao Seu povo; e,

segundo, por causa da correspondência da posição desse remanescente com a do povo de Deus no momento presente. Assim como não havia nada entre eles, também não há nada que se interponha entre nós e a expectativa do retorno do Senhor.

A mensagem para eles era: "O Senhor, a quem buscais, virá de repente ao seu

templo";

para nós é: "Eis que venho sem demora". Se há alguma semelhança em nossa condição moral com a deles, caberá às nossas consciências detectar, ao ponderarmos as revelações encontradas no livro e as instruções que ele oferece. Uma outra observação preparatória pode ser feita. Embora todas as pessoas a quem se dirige fossem descendentes daqueles que haviam retornado do cativeiro, e todos estivessem de fato na base, bem como efetivamente por descendência, do povo de Deus, ainda assim, um remanescente é discernido no meio desse remanescente, e são somente estes que atendem à mente do Senhor. (Ver especialmente Ml 3:14-18.)

O livro tem, portanto, uma voz especial em dias como este para aqueles que foram libertados das corrupções da cristandade, e para aqueles entre eles cujo único desejo é ser encontrado guardando a palavra de Cristo e não negando o Seu nome.

Há algo quase sublime na maneira simples e enfática com que o livro começa. "A palavra

do Senhor a Israel, por intermédio de Malaquias. Eu vos amei, diz o Senhor" (Ml 1:1-2).

Qualquer que seja a condição de Seu povo, o Senhor nunca se esquece e nunca hesita em declarar Seu amor por eles. É dessa maneira, de fato, que Ele traz à luz sua verdadeira condição. Poderíamos supor que a primeira palavra seria de advertência e repreensão por causa de seus pecados; mas não, a primeira palavra de Deus deveria ter lembrado a extensão e a largura, a profundidade e a altura daquele amor imutável que fluiu nas atividades de Sua misericórdia e graça desde o chamado de Abraão até agora. Assim também acontece nas epístolas. O coração de Deus por Seus santos é sempre demonstrado antes que as admoestações e correções necessárias sejam dadas. Como lemos em outro profeta: "Com amor eterno te amei; por isso, com benignidade te atraí" (Jr 31:3). Somos assim colocados face a face com a fonte de nossa redenção e de todas as bênçãos que desfrutamos; pois não podemos ser lembrados com muita frequência de que não

pertencemos ao Senhor porque O amamos, mas porque Ele nos amou e nos fez o que somos. (Comp. 1 João 4:9-10; Apocalipse 1:5-6; Deuteronômio 7:6-8.)

Com esta simples declaração do amor de Jeová, o estado do povo imediatamente se manifesta em sua resposta: "Em que nos amaste, ó exército?", a expressão de uma insensibilidade moral, bem como de cegueira espiritual, que é a sua característica nesta profecia. De fato, devem ter sido cegos para questionar a verdade do amor de Jeová; pois não tinham os registros das maravilhas que Ele havia operado em sua redenção, na orientação de seus pais pelo deserto, ao desapossar os pagãos e colocá-los em uma terra que mana leite e mel?

E não era a sua própria posição naquele momento a prova disso? Ah! Mas provavelmente teriam dito: "Se o Senhor nos ama, por que sofremos castigo e julgamento, e por que estamos agora tão fracos e empobrecidos?"

Este é apenas um engano comum que as almas de todas as épocas praticam sobre si

mesmas; isto é, esses pobres israelitas queriam que cada um seguisse os seus próprios caminhos e, ao mesmo tempo, obter a bênção de Deus, agradar a si mesmos e, ainda assim, estar cercados pelos sinais do favor de Deus. (Compare com Jeremias 44.) Eles não tinham, como muitos de nós, aprendido a verdade: "O Senhor corrige o que ama e açoita a todo filho a quem recebe".

Mas o Senhor prossegue apresentando Suas próprias provas e coloca a questão por meio do profeta: "Não era Esaú irmão de Jacó? Diz o Senhor; contudo, eu amei Jacó e odiei Esaú, e fiz dos seus montes e da sua herança uma desolação aos chacais do deserto" (Ml 1:2-3). Deve-se observar cuidadosamente que isso não é um apelo à soberania de Deus em Sua escolha de Jacó, como em Romanos 9, onde o apóstolo de fato cita esta passagem (após relembrar a escritura que anunciava o propósito divino a respeito de Esaú e Jacó) para mostrar não apenas que Israel estava inteiramente em dívida com a graça pela diferença que Deus havia estabelecido entre eles e Esaú, mas também que os caminhos de

Deus para com os dois ramos dos descendentes de Isaque estavam de acordo com Seus propósitos. A evidência aqui apresentada é extraída inteiramente, não da ação de Deus em relação ao próprio Esaú, mas dos julgamentos de Deus sobre sua posteridade — "Eu fiz dos seus montes e da sua herança uma desolação aos chacais do deserto". E em outras escrituras encontramos (veja especialmente Obadias) que esses julgamentos foram impostos a eles por causa de seu ódio irreconciliável a Israel, e de seu triunfo e vingança sobre eles no dia de sua calamidade. Deus havia escolhido Jacó — que esta verdade não seja ignorada, embora Esaú desprezasse seu direito de primogenitura; mas a escritura diante de nós diz respeito aos caminhos, e não à soberania de Deus.

Além disso, o Senhor aproveita a ocasião para proclamar Sua indignação eterna contra Edom (ver Is 34:5-8; 63:1-4; Jr 49:9-17; e outros), e que, embora Edom buscasse, na energia de sua própria força, construir, Deus, sendo contra eles, os derrubaria e os tornaria manifestamente um provérbio entre seus

vizinhos, que os chamariam de "Terra da impiedade" e "Povo contra quem Jeová está indignado para sempre". Assim, a questão dos tratos de Deus com Israel e Esaú, respectivamente, provaria Seu amor por Seu povo escolhido; mas Ele diz: "Os vossos olhos verão, e direis: O Senhor será engrandecido desde os termos de Israel". Da revelação assim feita, fluem duas lições muito instrutivas.

Primeiro, que Deus não deve ser julgado pelas circunstâncias presentes. É o resultado de Seus caminhos que vindica Seu nome.

A fé sempre justifica Deus em Seus tratos com Seu povo; mas, eventualmente, todos os Seus caminhos serão vistos, como no caso diante de nós, como a expressão tanto do Seu amor quanto da Sua verdade. A segunda lição é que Deus nunca permite que o estado do Seu povo interfira na realização dos Seus conselhos de graça. Assim, no exato momento em que Ele está prestes a expor a miserável condição espiritual de Israel, Ele declara a sua futura bênção. Verdadeiramente, o conhecimento

disso deve nos humilhar e, ao mesmo tempo, nos dar um senso mais profundo do pecado da frieza, da indiferença e da apostasia na presença de tal graça e amor imutáveis. Ele pode agir com justiça assim, porque Ele foi (e todos os Seus caminhos com Israel tinham relação com isso) tão abundantemente glorificado na morte de Seu Filho amado, que morreu por aquela nação, e não somente por aquela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus que estavam dispersos (João 11:51-52).

O Senhor, tendo lembrado Seu povo de Seu relacionamento com eles e de Seus propósitos inalteráveis de graça, agora começa, sobre esse fundamento, a sondá-los quanto à sua condição prática.

Este princípio é de suma importância. O crente jamais poderá medir seu verdadeiro estado diante de Deus a menos que o faça pelo padrão da posição em que, pela graça, foi colocado.

É um erro comum deduzir nossa posição a partir de nosso estado; mas nada poderia contradizer mais completamente a verdade

de Deus. Se um santo, se um filho de Deus, um membro de Cristo, um crente, não deixa de sê-lo por ter apostatado e se tornado insensível às reivindicações que lhe são impostas, é somente, por outro lado, pela aceitação, sem questionamento, de toda posição em que foi colocado, que ele pode compreender o que é graça ou avaliar a profundidade de sua queda, se tiver caído.

É com base nesse princípio que Jeová atua nesta escritura, e por isso Ele diz:

"O filho honra o pai, e o servo, o seu senhor. Se eu, pois, sou pai, onde está a minha honra? E se eu sou senhor, onde está o meu temor? Diz o Senhor dos Exércitos a vós, ó sacerdotes, que desprezais o meu nome. E dizeis: Em que desprezamos nós o teu nome?" (Ml 1:6).

Dessa maneira solene, Deus acusa, não apenas o povo, mas especialmente os sacerdotes. Estes Ele havia escolhido para estarem diante dEle, para oferecer os sacrifícios do Seu povo, para instruí-los em Sua palavra e para ter compaixão dos ignorantes e daqueles que estavam fora do

caminho; mas, longe de cumprirem com suas responsabilidades, haviam mergulhado em completa degradação moral. O estado dos sacerdotes, assim como agora o estado daqueles que presunçosamente tomam o lugar deles, bem como daqueles que são realmente "pastores e mestres", é sempre mais ou menos o estado do povo. E qual é a acusação que Deus faz contra esses filhos de Arão? Ele diz: "Vós professais que eu sou um Pai para vós (e a adoção pertenceu a Israel), e que eu sou o vosso Mestre: onde então", Ele pergunta, "estão a honra e a reverência devidas a mim como tal?" Não, Ele lhes diz: "Vós <u>desprezais</u> o meu nome".

A resposta a essa acusação traz à tona uma característica de todo o livro. "Em que", dizem eles, "desprezamos o teu nome?" (Ver Ml 1:2,6-7; Ml 3:7-8,13.) Não apenas seguiam um curso de esquecimento de Deus e desonravam Seu nome em tudo o que faziam, mas, o que era ainda pior, também ignoravam sua condição real e, em resposta às acusações contra eles, dizem, quase surpresos: "Em que" fizemos isto ou aquilo? A contrapartida disso pode ser vista em todas

as épocas.

Junto com o declínio, as percepções espirituais tornam-se cada vez mais fracas e, mantendo, e pode ser diligente e zelosamente, as formas externas de religião, as almas ficam atônitas se sua atenção é direcionada ao seu estado. "Um profeta maligno", dizem eles; Ele tem uma visão sombria das coisas; não é bom ocupar-se com o mal. Não somos nós o povo do Senhor? Ah! Ele deveria nos ver como o Senhor nos vê, e então olharia mais constantemente para o tempo em que a Igreja será apresentada a Cristo em toda a sua beleza e glória imaculadas.

Mas a obra de um profeta é lidar com a condição do povo e exercitar suas consciências na presença de Deus, clamando, de fato, como Paulo: "Estou zeloso de vós com zelo de Deus, porque vos tenho preparado para vos apresentar a um só esposo, a saber, a Cristo como uma virgem pura" (2 Co 11).

Vejamos então como Deus prova a esses sacerdotes descuidados que eles estavam

desprezando o Seu nome. Ele diz:"Ofereceis sobre o meu altar pão imundo, e dizeis: Em que te profanamos? Nisto que dizeis: A mesa do Senhor é desprezível. E se oferecerdes em sacrifício o cego, não é mau? E se oferecerdes o coxo e o enfermo, não é mau?

Oferece-o agora ao teu governador; ele se agradará de ti, ou aceitará a tua pessoa? diz o Senhor dos Exércitos. Agora, pois, rogai a Deus que se compadeça *de nós;* isto aconteceu por vossa causa; atentará ele para as vossas pessoas? diz o Senhor dos Exércitos.

***Quem há entre vós* que feche as portas em vão? Nem acendais fogo em vão sobre o meu altar. Não tenho prazer em vós, diz o Senhor dos Exércitos, nem aceitarei oferta da vossa mão" (Ml 1:7-10).**

Deve-se notar que o altar e a mesa do Senhor, nesta escritura, são uma e a mesma coisa. O altar é assim denominado porque os sacrifícios eram chamados, assim como Cristo, a quem estes tipificavam, de pão de Deus. (Ver Lv 21:6, 8, 17, 21-22; Nm 28:2; Jo

6:33.) Portanto, os sacerdotes aqui são acusados de oferecer pão contaminado sobre o altar de Deus como prova de que desprezavam o nome de Jeová; pois, ao fazê-lo, demonstravam claramente que haviam perdido toda a noção da santidade dAquele a quem professavam sacrificar, e que o altar era aos seus olhos apenas uma coisa comum, afirmando, por seu ato, que a mesa do Senhor era desprezível. Mas a acusação contra eles é ainda mais clara: ofereciam o cego, o coxo e o doente em sacrifício, violando assim, e conscientemente, um dos preceitos mais rígidos das Escrituras. Em todos os casos, o animal oferecido sobre o altar deveria ser "sem defeito" (ver Lv 22:17-25), para que pudesse ser um tipo mais adequado de Cristo. Mas isso era para dar a Deus o que tinham de melhor; e esses homens, ao examinarem seus rebanhos e manadas, perdidos em toda a noção das reivindicações divinas e do significado dos sacrifícios que Ele exigia, estavam dispostos a dar a Ele o que não lhes servia de nada — seus animais sem valor, mas nada mais, desprezando assim verdadeiramente o Seu

nome, profanando o Seu altar e tornando a mesa do Senhor desprezível. ... dessa forma, tratando a Jeová como não ousariam tratar o seu governador. "Oferece ao teu governador o que me ofereceres", diz o Senhor; ele se agradará de ti, ou aceitará a tua pessoa?" Eles sabiam que ele não se agradaria.

Não nos há voz nesta linguagem solene? Nunca somos traídos a oferecer ao Senhor nossas coisas inúteis? Quando, por exemplo, se apresenta a oportunidade de dar ao Senhor nossos bens, de ministrar aos Seus pobres, ou de ter comunhão com a Sua obra, encorajando aqueles que saem, seja em casa ou no exterior, sem tomar nada dos gentios, de que maneira agimos? Damos o nosso melhor, as nossas primícias, ou as nossas superfluidades ou coisas inúteis? Depositamos, por assim dizer, sobre o altar o máximo que podemos, ou apenas o quanto julgamos necessário? Reconhecemos, em suma, que as reivindicações do Senhor — falamos à maneira dos homens — são as primeiras e mais importantes? Começamos primeiro com Ele ou conosco mesmos? E nunca damos mais ao homem,

quando ele nos pede, do que teríamos dado se nos deixássemos agir em segredo diante do Senhor? Não tem o homem, de fato, muitas vezes mais influência sobre nós nessas coisas, porque ele é visto, do que o Senhor, que não é visto? Bem poderíamos examinar nossos corações à luz de tais palavras, para que, ao mesmo tempo em que aprendemos com elas o estado deste pobre remanescente, possamos obter instruções práticas para nós mesmos.

O profeta então prossegue (como nos parece) em tom de ironia: "E agora, rogo-vos, rogai a Deus que nos seja gracioso; isto foi por vosso intermédio" (ou, por vossas mãos): "Será que Ele atenderá às vossas pessoas?, diz o Senhor dos Exércitos". "Se eu contemplar a iniquidade no meu coração", diz o salmista, "o Senhor não me ouvirá".

Mas esses sacerdotes, apesar de sua condição — completamente indiferentes e insensíveis como eram — não hesitaram em comparecer diante de Deus como se tudo estivesse bem. Orem, então, diz o profeta, intercedam para que Deus seja gracioso

conosco e vejam se Ele atenderá às vossas pessoas. Muitas vezes, é uma característica de um estado de apostasia que as formas exteriores de piedade sejam mantidas, e às vezes com zelo crescente.

À medida que a vida decai, a atenção é direcionada para ritos e cerimônias. A alma, assim, engana a si mesma e desliza, como no caso diante de nós, para um estado de ignorância de sua real condição. Perdendo todo o sentido de sua relação com Deus,

ele coloca sua dependência na execução exata do cerimonial requerido.

Os fariseus, por exemplo, eram extremamente escrupulosos na limpeza do exterior do copo e do prato, enquanto eram completamente indiferentes à sua limpeza interior.

Outra acusação é agora formulada contra esses sacerdotes perversos.

"Quem dentre vós fecharia as portas em vão?" (evidentemente as portas do templo) "nem acendereis fogo no meu altar em vão" (Ml 1:10).

Tão baixo haviam caído esses filhos de Arão que, esquecendo-se da eleição da graça que os distinguira de seus irmãos e lhes conferira o privilégio de serem ministros de Jeová, agora consideravam o trabalho de seu ofício apenas como um meio de lucro. Que contraste com o espírito do salmista quando exclama: "Quão amáveis são os teus tabernáculos, ó Senhor dos Exércitos! A minha alma suspira, sim, desfalece, pelos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne clamam pelo Deus vivo... Um dia nos teus átrios vale mais do que mil. Prefiro ser porteiro na casa do meu Deus do que habitar nas tendas da impiedade" (Sl 84; veja também Sl 122). O próprio Deus havia providenciado o sustento de Seus sacerdotes; mas eles não estavam de fato satisfeitos em depender dEle; desejavam extorquir sua remuneração de seus semelhantes. Nenhuma revelação maior do estado de seus corações em sua alienação de Deus poderia ser feita.

E não é esse mesmo espírito hoje a maldição, bem como a evidência da condição da cristandade? Não é notório

que os chamados “cargos sagrados” são buscados e mantidos em prol de posição e emolumento? Que "seção" da Igreja está livre dessa mancha mortal? Há exceções individuais, graças a Deus, mas são poucas e distantes entre si — a vasta maioria de pregadores e "ministros" buscam e obtêm salários específicos para o trabalho que se comprometem a realizar.

O clamor, portanto, pode ser ouvido por toda a Igreja professa com igual propriedade no momento atual: "Quem dentre vós fecharia as portas em vão? Nem acenderíeis fogo no meu altar em vão".

E, no entanto, não há lição mais claramente escrita na Palavra de Deus do que a de que Ele mesmo se compromete com Seus servos, que, se for Sua obra que eles estão realizando, Ele cuidará de sua recompensa, pois não ficará devendo nada a ninguém.

Assim, se o Senhor tomou emprestado o barco de Pedro para falar ao povo na praia, Ele imediatamente recompensará Pedro (para não entrar no significado mais profundo do incidente) com uma pescaria. Quão mais feliz

será para todos nós (pois nenhum de nós está isento do perigo)

aprender a depender de Deus, para que possamos ser independentes dos homens.

Tendo sido indicado o clímax de sua condição espiritual, Jeová declara que não tem prazer neles e que não aceitaria uma oferta de suas mãos. (Compare Isaías 1 e Hebreus 10.) Este anúncio torna-se a ocasião da revelação de Seus propósitos de graça para com os gentios. "Porque desde o nascer do sol até o seu ocaso, o meu nome é grande entre os gentios; e em todo lugar se oferecerá ao meu nome incenso e uma oferta pura; porque o meu nome é grande entre as nações, diz o Senhor dos Exércitos" (Mal. 1:11). Essas duas coisas estão sempre conjugadas nas Escrituras — a incredulidade e a apostasia dos judeus e a introdução dos gentios. O apóstolo explica isso quando diz: "Não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos

gentios haja entrado” (Rm 11:25; compare Is 49, At 13:45-48).

Nos versículos restantes do capítulo (12-14), o Senhor reafirma Suas acusações contra Seu povo, destacando ainda mais plenamente o quão completamente eles desprezavam Seu serviço, considerando-o um "cansaço"; e então pronuncia uma maldição sobre "o enganador, que tem um macho em seu rebanho, e faz voto, e sacrifica ao Senhor algo corrupto". (Compare com isso o pecado de Ananias e Safira, em Atos 5.) Ele afirma Sua palavra (por assim dizer) com a declaração: "Porque eu sou um grande Rei, diz o Senhor dos Exércitos, e meu nome é terrível entre as nações". Juntamente com a insensibilidade moral — a característica especial destacada neste capítulo — há sempre, necessariamente, a perda de todo o senso da santidade de Deus e do que é devido ao Seu nome. Mas, quando e onde quer que isso aconteça, Deus fará com que Seu nome seja honrado e reverenciado mesmo por aqueles que até então não O conheciam. Ele será glorificado e, dessa forma, convencerá Seu povo do pecado, e

transformará esse pecado, bendito seja o Seu nome, na oportunidade para o fluxo das correntes de Sua graça em direção àqueles — os gentios — que não tinham nenhum direito sobre Ele, exceto o de julgamento. A introdução da palavra "rei" nesse contexto é significativa. Não é apenas a afirmação da autoridade divina no reino, mas também contém um aviso da aproximação do tempo em que o reino seria estabelecido em poder e justiça, e quando, como consequência, haveria um limite para a longanimidade e tolerância de Jeová para com aqueles que desprezavam Seu nome.

1. É interessante notar, especialmente em relação ao capítulo 3, que "Malaquias" significa o mensageiro de Jeová. O profeta, portanto, como não era incomum, tinha um caráter típico.